

**Discurso da Sra. Lia Diskin, co-fundadora da Associação Palas Athena, durante a celebração do primeiro Dia Internacional da Não-Violência na 62ª sessão da Assembléia Geral das Nações Unidas, em 2 de outubro de 2007.**

Ao nascer chegamos no cenário da Vida, onde já está em curso um enredo, uma trama com infinidade de atores, cujos papéis estão ancorados em um passado imemoriável. Toda aprendizagem carrega então esse passado que exerce sobre o aprendiz uma coerção a fim de que ele se adapte ao enredo, se nutra dele e, por sua vez, ofereça novas variáveis, criações originais e contribuições que ajudem no projeto de humanização a que estamos destinados – visto que, diferentemente das outras espécies vivas, somos um projeto inacabado.

Os avanços neste processo são impulsionados por mulheres e homens visionários, que descortinam no humano espaços de consciência ainda não articulados, que dão voz e nome a modos de ser e estar no mundo mais significativos, justos e solidários.

Uma das contribuições emblemáticas que o século XX nos ofereceu é a vida de Gandhi, cujo legado marcou definitivamente o rumo da história, e com ela a compreensão daquilo que podemos entender por propriamente humano. Neste sentido cabe afirmar que ele foi um Pedagogo social, não só da Índia como da humanidade inteira, pois disponibilizou através de sua experiência um repertório de orientações e metodologias que visam uma ordem de convivência onde as potencialidades da cada indivíduo encontram condições favoráveis para se desenvolver de maneira saudável e digna, em outras palavras, para expressar o que de maior e melhor abriga cada um de nós.

Somos criaturas relacionais e estamos constantemente em relação. O ambiente onde nos desenvolvemos cria a paisagem interna que impulsionará ou inibirá o poder criativo da Vida, desenhando os conseqüentes padrões de comportamento, sentimentos e pensamentos. Se o meio do qual nos nutrimos foi hostil, as chances de reproduzi-lo são consideráveis. O mesmo vale se as condições forem de acolhimento, segurança e justiça.

É nesse espaço de relação, de interatividade, da pedagogia de Gandhi que encontramos o instrumental capaz que quebrar o jogo mimético a que estamos submetidos – individual e coletivamente. Nas palavras do Mahatma: “Para combater a injustiça é necessário auto-educar-se”. Isso requer, em primeiro lugar, reconhecer que qualquer situação de violação de direitos se perpetua unicamente quando há cooperação por parte dos injustiçados, que aceitam tais violações como fatalidade ou como condição natural da existência. Isto, além de descartar as possibilidades de mudança – de desenvolvimento e aprimoramento – submerge a todos na barbárie e na falta de um sentido edificante para as novas gerações.

Em segundo lugar, é necessário conclamar os recursos internos da coragem e da lucidez a abandonar o estado de passividade, resignação, impotência e indiferença para, por fim, tomar a decisão de não obedecer, não se submeter à humilhação, à opressão ou a tudo aquilo que nos diminui, apesar das represálias que isto possa acarretar.

Portanto, para Gandhi, a não cooperação com o ignominioso é um dever. Mas um dever cujo cumprimento pode realizar-se unicamente por meios não violentos. Sejam quais forem os instrumentos usados para acabar com a exploração, a dominação e as injustiças, eles têm de estabelecer previamente um compromisso com a não-violência (*ahimsa*) – princípio soberano de transformação pessoal e coletiva.

“A violência é suicídio”, diz Gandhi. Ela nos desumaniza. Sequer nos torna animais, porque estes são agressivos, mas não premeditadamente violentos. Portanto, a violência nos catapulta num limbo existencial, num espaço de indefinição, num deserto da Vida. Contudo, a violência está aí, glamorosa e infiltrada nos quatro cantos como “matéria-prima da atualidade”, nas palavras do filósofo gandhiano Jean-Marie Muller. Está tão presente que corremos o trisco de cair na pandemia de uma “síndrome de imuno-deficiência à violência adquirida”, como nos adverte o Coronel Dave Grossman, psicólogo militar estadunidense que durante 25 anos foi oficial de infantaria com a missão de capacitar soldados a entrar em combate.

Eis a razão pela qual celebramos a recente e mais do que oportuna proclamação do Dia Internacional da Não-violência, por parte da Assembléia Geral das Nações Unidas, no dia de nascimento de Mohandas Karamchand Gandhi – o Mahatma.

Eis também a razão pela qual a Associação Palas Athena, há 26 anos, celebra no início do mês de outubro, as Semanas Gandhi que, neste ano, congrega mais de 400 atividades espalhadas em 6 estados brasileiros, 16 municípios, 89 escolas públicas com aproximadamente 25.000 crianças, 4 universidades e dezenas de instituições governamentais e da sociedade civil. Todas as programações são realizadas obrigatoriamente com entrada franca, e realizadas por voluntários que promovem atividades fundadas nos 3 princípios gandhianos de:

- 1) Não-violência ativa – disseminar e cultivar ações e atitudes pacíficas em todas as dimensões da vida, convidando os participantes a refletir sobre as conseqüências nefastas da violência física, estrutural e cultural, usando as expressões do Professor Johan Galtung;
- 2) Responsabilidade individual e coletiva – possibilitar que as pessoas tomem consciência de seu poder pessoal (empoderamento) para agir em benefício da sua comunidade, incentivando desse modo o protagonismo social e o exercício da cidadania;
- 3) Simplicidade voluntária – evitar o supérfluo e o desperdício. Fazer circular o que está parado, reciclar coisas e idéias . Minimizar o consumo irresponsável. Este ponto, após a difusão do Relatório sobre Mudanças Climáticas no Planeta, apresentado em Paris em janeiro passado, adquire um caráter imperativo de urgência por parte de todas as Nações do mundo.

Feliz pelo fato de saber que é Gandhi o motivo pelo qual estamos hoje aqui reunidos, agradeço a singular oportunidade que me ofereceu o Governo da Índia, mui especialmente à Sra. Sonia Gandhi, de participar deste momento histórico, e os convido a assistir algumas breves cenas das Semanas Gandhi promovidas pela Associação Palas Athena ao longo destes 26 anos, em terras brasileiras.

Muito obrigada.

